

Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ — Foram descobertos, em dois locais diferentes da cidade do Rio de Janeiro, uma vértebra e um ramo mandibular, correspondentes a uma ossada de baleia. A primeira peça foi achada no Bairro do Caju, Baía de Guanabara, em 1970, durante a escavação para a construção da ponte Rio/Niterói, na divisa com a Avenida Brasil. Trata-se de uma vértebra alterada, de coloração amarelada devido à impregnação óxido de ferro e argila manchada pelo mesmo óxido de ferro. A referida vértebra, provavelmente, pertence à Subordem Mysticeti. O osso foi encontrado cerca de 10m abaixo do nível do mar, não coberto de areias, o que indica que poderia ter sofrido infiltração de água doce, advindo a impregnação de argila. A diferença de coloração pode indicar outro ambiente de sedimentação que comprova uma idade mais antiga no local, evidenciando as modificações do nível do mar. A segunda peça foi descoberta em 1977, na rua Sá Ferreira, esquina com a Avenida Atlântica, em frente ao oceano, no Bairro de Copacabana. Trata-se de um ramo mandibular direito com 4m de comprimento que identificamos como pertencente ao gênero *Eubalena*, que hoje vive nos mares austrais e foi encontrada no Rio de Janeiro. A descoberta deve-se ao Prof. Gilberto Velho, do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, UFRJ. O osso em questão, foi achado a cerca de 5.30m sob o nível da rua citada, correspondente ao segundo subsolo do prédio em construção. O sedimento onde se alojava a peça era arenoso com as características comuns das areias da praia. No canal mandibular, juntamente com a areia, encontraram-se fragmentos de conchas de bivalvos marinhos, identificados como pertencentes à família Mytilidae. Estes achados são indicadores de modificações do nível do mar em períodos temporais diferentes, sendo a ocorrência da vértebra mais antiga do que a da mandíbula. — (9 de dezembro de 1986).

OCORRÊNCIA INÉDITA DE CORAL (COELENTERATA — ANTHOZOA — SCLERACTINIA) NA FORMAÇÃO GRAMAME, CRETÁCEO SUPERIOR DA PARAÍBA — ANTONIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES, credenciado por CÂNDIDO SIMÕES FERREIRA — *Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Instituto de Geociência, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ* — Além de escassos, os registros de corais fósseis do cretáceo brasileiro têm se limitado, até o momento, apenas às camadas Riachuelo (Sergipe), Jandaíra e Ponta do Mel (Rio Grande do Norte). A recente descoberta de um coral solitário nas camadas Gramame vem, portanto, ampliar a ocorrência do grupo nos sedimentos do Cretáceo Superior no nordeste do Brasil.

O espécimen em questão, coletado pelo Professor Geraldo da Costa Barros Muniz da *Universidade Federal de Pernambuco*, procede das camadas inferiores da Formação Gramame, que afloram na pedreira da *Campanhia Industrial Gramame (CIGRA)*, no município de Alhandra, Estado da Paraíba. Essas camadas correspondem à conhecida zona *Roudairia* criada por Maury (*Mon. Serv. Geol. Mi-*

neral. Brasil, VIII, 305 págs., 1930), para as quais atribui-se a idade campaniana superior.

O coral estudado corresponde a um molde interno de um "corallum" solitário de forma discóide com possível base plana ou levemente cônica, e cálice semicircular de 12 e 10 mm em seus diâmetros maior e menor, respectivamente. Apesar do desgaste da superfície do cálice, podem ser observados os espaços deixados pelos septos após sua dissolução, os quais deveriam atingir um número aproximado de 60, provavelmente dispostos em 4 ciclos. A columela seria do tipo trabecular.

Embora a má preservação da peça conduza à ausência de estruturas diagnósticas fundamentais que facultem a determinação do exemplar a níveis taxonômicos mais baixos, suas características nos levam a sugerir seu posicionamento na Família *Caryophylliidae*. — (9 de dezembro de 1986).

FORMAS PTERIDOFÍTICAS E PTERIDOSPÉRMICAS DA FORMAÇÃO PEDRA DE FOGO, PERMIANO DA BACIA DO MARANHÃO, BRASIL — DIANA MUSSA E

ARMANDO M. COIMBRA, credenciados por CÂNDIDO SIMÕES FERREIRA — *Departamento de Geologia e Paleontologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ e Departamento de Paleontologia e Estratigrafia, Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP* — Informações mais realísticas sobre a natureza ou afinidades das taofloras paleozóicas da Bacia do Maranhão vão se tornando aos poucos conhecidas, à medida que novas localidades e amostras são reconhecidas. Até o presente apenas algumas formações foram abordadas pelos paleobotânicos em toda a bacia, mas só de modo ocasional, e seus trabalhos, embora relevantes, se restringiram a alguns espécimes de ocorrências muito localizadas. Até cerca de três ou quatro anos atrás a Formação Pedra de Fogo só contava com os estudos paleobotânicos de Zeiller e de Pelourde, respectivamente, sobre as espécies *Psaronius brasiliensis* e *Psaronius arrojadoi*. A partir de 1983 os autores do presente artigo iniciaram um projeto de pesquisa mais amplo, o qual logo de início se voltou para as localidades situadas ao longo da estrada que liga as cidades de Riachão a Carolina e Filadelfia, no Maranhão e Araguaína em Goiás. A primeira publicação sobre o assunto apontou a presença do gênero *Arthropitys* o qual, do ponto de vista morfológico corresponde a *Calamites* (*Diplocalamites*). A mesma pesquisa apontou também a presença de *Amyelon* e *Carolinapitys*, esse último um novo gênero, de afinidade incerta, que apresenta feições anatômicas próximas, em alguns aspectos, das Cordaitales e, em outros, das Pteridospermales. Juntamente com as referidas unidades anatômicas sempre aparecem, com elevada taxa de frequência, em todas as localidades até agora abordadas, fragmentos de caules de psaroniáceas. As amostras relativas à primeira publicação procedem da sequência arenítica de topo da formação designada "Arenito Cacunda", interpretada como facies eólica-litorânea ou de dunas costeiras. Os espécimes concernentes ao presente trabalho procedem de litologia diversa, isto é, da sequência de siltitos e folhelhos com estruturas sedimentares características, indicativas de facies de planícies de

maré (inter-maré e supra-maré). Essa associação se caracteriza pela maior frequência de pteriospermales e filicales do grupo "psaronii". São discutidos: a) *Maryxylon* n.g. cujo plano anatômico se revela muito próximo dos encontrados no grupo pteridospermale, designado *Cycadofilicales*, gêneros *Cycadoxylon* Renault 1896 e *Ptychoxylon* Renault 1899, ambos presentes na Bacia d'Autun, França; b) *Poroxyton* Renault 1898 está representando por espécimes descortados que evidenciam, em seu plano anatômico primário, a filiação ao gênero. Este, até há bem poucos anos era incluído entre as Cordaitales, mas hoje é devidamente classificado como pteridospermale *Callistophytaceae*; c) quanto às psaroniáceas discute-se sucintamente sobre a freqüente presença de estelos cujos planos anatômicos condizem claramente com o descrito para *Tietea singularis* Solms-Laubach, enquanto o estudo anatômico de detalhe constará de outro artigo; d) forma igualmente freqüente na associação se refere a fragmentos talvez de raque de frondes pinatífidas que tanto poderiam dizer respeito às psaroniáceas como a algumas pteridospermales. O novo gênero em parte se assemelha a *Stiptopteris* Morgan & Delevorias, porém o diâmetro é muito maior e, ao invés de um feixe simples, aparece um anel leñoso, consistente, quase completo, dependendo do nível de seccionamento.

Com base nas unidades taxinômicas relacionadas é possível concluir que a associação florística Pedra-de-Fogo é substancialmente de tipo nórdico em que a maior parte dos gêneros reconhecidos, até agora, está também presente em "coal-balls" e sedimentos do Autuniano europeu, bem como, do Wolfcampiano-Leonardiano da América do Norte. — (16 de dezembro de 1986).

ESTRUTURAS ORGÂNICAS NO PROTEROZOICO DE RORAIMA — NORMA M. DA COSTA CRUZ — *Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, Rio de Janeiro, RJ* — Estruturas orgânicas semelhantes a tecidos de algas ou fungos são assinaladas em sedimentos carbonosos, de idade proterozóica (Précambriano II), provenientes do Grupo Roraima, a noroeste do Território Federal de Roraima, no rio Uraricoera.

Os restos orgânicos, observados após as técnicas usuais de preparação palinológica (maceração e clareamento) são identificados como fragmentos de tecidos que parecem apresentar uma certa estrutura celular.

Estes tecidos vegetais, bastante abundantes nas amostras estudadas, são comparados aos descritos do Proterozóico dos Estados Unidos, e indicam ambiente de deposição deltaica, próximo à costa. — (16 de dezembro de 1986).

RÉPTEIS E OSTRACODES ASSOCIADOS NO CRETÁCEO DE ALVARES MACHADO, SP — FAUSTO LUIZ DE SOUZA CUNHA E ANTONIO CARLOS MAGALHÃES MACEDO — *Divisão de Geologia e Paleontologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ e CNPq* — Trabalhos de campo realizados pelo Autor senior de 1984 a 1986 em localidade situada 4 Km W.

de Alvares Machado, SP, com recursos do CNPq, CEPG/UFRJ, apoio de José Martin Suarez, professor de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, e Y. Misobuchi, proprietário local, vêm revelando a ocorrência de ricos jazimentos de répteis cretácicos (Cunha & Suarez, *An. Acad. brasil. Ciênc.*, 57 (1): 141, 1985).

A presente comunicação resulta de análise de laboratório de amostras coletadas no decorrer daquelas campanhas, em especial de amostragem proveniente de uma trincheira aberta no "Sítio Misobuchi", cortando camadas cretácicas contendo ossos de dinossauros (*Antarctosaurus* — *Titanosauridae*).

O perfil litológico levantado nessa trincheira revela da base para o topo: arenito-argila-arenito-conglomerado-recobrimento pedológico. Considera-se, nesta oportunidade, especificamente, o nível argila, matriz de restos de dinossauro, muito rico em vestígios de carapaças bivalvas de ostracodes. Trata-se de uma associação (biocenose — ?) cujos componentes, inteiramente recristalizados, não apresentam estruturas morfológicas que conduzam a uma diagnose precisa. Relacionam-se, entretanto, face aos seus traços globais, a formas das subfamílias Cypridinae, Ilyocypridinae e Candoninae. É notável a frequência de indivíduos muito semelhantes ao gênero *Ilyocypris*, portadores de tubérculos em número e desenvolvimento muito diversificados, sugerindo uma gênese fenotípica. Outras formas sugerem *Eucypris* e *Eucandona*.

A presença de ossos de dinossauros associados a ostracodes (tanatocenose — ?) localizada em tal seqüência sedimentar é coerente com a proposta de Soares, Landim, Fúlfaro e Sobreiro Neto (*Rev. Bras. Geoc.*, 10 (3): 177-185, 1980). Nesses termos considera-se a seqüência como representativa da litofacies Taciba (Formação Adamantina — Grupo Bauru), na qual se alternam uma facies de canal (arenitos e conglomerados) e uma facies de transbordamento (bancos de lamito e siltitos). A matriz da associação fossilífera aqui considerada, corresponderia a essa última facies integrada no complexo de um sistema deposicional fluvial meandrante. — (16 de dezembro de 1986).

UMA NOVA OCORRÊNCIA DE CORAL HERMATÍPTICO NA FORMAÇÃO PIRABAS, OLIGO-MIOCENO DO ESTADO DO PARÁ — CÂNDIDO SIMÕES FERREIRA E ANTONIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES — *Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Instituto de Geociências, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ* — A Formação Pirabas, Oligo-Mioceno da faixa costeira do norte e nordeste do Brasil (Pará, Maranhão e Piauí) acumula em sua paleofauna um grande número de organismos marinhos, que poderiam ter contribuído na edificação de biohermas, principalmente em zonas daquele antigo mar, correspondendo aos afloramentos do atual litoral dos Estados do Piauí-Maranhão a toda plataforma marinha da mesma faixa, faciologicamente conhecida como facies Castelo.

Pela oportunidade, apresentamos agora o registro de mais um coral hermatípico, que foi coletado pela Professora Jane Maria Garrafiello Fernandes, da Universidade Fede-